

O LOULETANO

JORNAL PROGRESSISTA

ASSIGNATURAS—Por trimestre, paga adiantada, 500 réis; semestre, 900 réis; anno, 1.800 réis: numero avulso 40 réis. Para fora de Loulé acresce o preço das estampilhas. Toda a correspondencia deve ser dirigida a Pablo Garcia Delgado, administrador d'este jornal, rua de S. Sebastião, 72 e 74, ou rua da Barbacem 10 e 12—Loulé.

PUBLICAÇÕES—No corpo do jornal, por linha 40 réis; annuncios, por linha de typo commum, 20 réis annuncios permanentes, ajuste particular. Annuncia-se qualque publicação litteraria recebendo-se 2 exemplares Os originaes enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos

LOULÉ

Um desfalecimento geral e epidemico invadiu, physiologica e psychologicamente, os homens de todas as classes sociaes em Portugal.

Os corpos negam-se ao trabalho, e não ha espirito vigoroso onde clareiem as luzes d'uma bella idéa. Mas tudo isto é fatal. Leis que regem o movimento de translação e rotatorio das esferas celestes são tão absolutas como as que determinam os factos historicos. Nada se lhes oppõe; protestos d'almas, por anomalia generosas, não podem valer contra a corrente invencivel: relampagos não illuminam duradouramente. E, como todas as doenças graves, o nosso desfalecimento, esta modorra subjugante ha de fazer crise, e a ella ou ha de seguir-se a morte ou a saude. Ou seremos incorporados á Hespanha, á França, ou á Inglaterra,—ou um baptismo de sangue—o mais provavel—nos ha de redimir.

Não nos espanta, pois, nem nos assombra o desabar sinistro das velhas glorias. Os ultimos corações heroicos deixaram de pulsar em 33, e em peitos inertes não cabe sentimento algum.

Mas se o futuro nos ha de olhar como uma geração morbida, ha de tambem perturbar o nosso dormir de mortos com a gargalhada de troça. Sim, porque por sobre e em torno das nossas miserias anda o ridiculo a espantar a compaixão de todos. E é a certeza de que, não lagrimas compungidas, mas risos lancinantemente justicheiros hão de acompanhar a nossa memoria, que ainda logra despertar em nós um ligeiro estremecimento de pavor e magua.

No actual momento historico tudo na sociedade portugueza é ridiculo; tudo desde a magestade, que parece sentar-se n'um throno pôdre, roído pelo caruncho do vicio e corrupção geral até á fome que se arrasta pelas ruas publicas, tudo anda a desafiar a zombaria.

Que outra cousa, que não fôra a falta do senso do ridiculo, poderia levar os dictadores do nosso paiz a opporem-se a uma manifestação de preito e saudade, que o Porto quiz depositar sobre o tumulo de Guilherme Braga? O poeta, na immortalidade dos espiritos gigantescos e raros, não se offendeu, que manifestações de nullidades são nullas, nada podem significar; mas, se o imponderavel ri, na alma de Guilherme Braga deveria perpassar um ligeiro sorriso de desdem.

FOLHETIM

AURA

(Conclusão)

Aquella rapariga, decerto, quando cahiu no thalamo de velho carvalho do estúpido merceiro, foi como se tivesse um pesadelo horrivel. Despertou, horrorizada ainda com as caricias brutaes que, como tenazes de ferro, lhe comprimiam as formas delicadas, e depois de chorar muito, nem ella sabia por que, resignara-se a pesar meias quartas de manteiga ou de café n'aquella mercearia pequena e suja de um bairro pobre onde decerto não iriam inquietar a os *D. Juan* dos seus sonhos de creança, entrevistos nos romances e nas lendas e avistados de longe, em S. Luiz, onde ella ia confessar-se em solteira.

Porque a Aurita era confessanda de um d'aquelles reverendos e melifluos padres francezes que têm uma catechese parcipitante do

Que mal faria lançar algumas flôres sobre uma sepultura?

Não o quiz o governo, que do alto da sua quixotesca dictadura gritou:

—Para traz, ó vós que ides prestar homenagem a alguém de coração valente.

Mas fez muito bem o governo. Fez bem em pisar a idéa ainda em germen: florindo poderia impregnar a atmosfera de perfumes sadios e antipasmódicos, e florindo poderia fructificar...

Fez bem o governo. Evitou uma profanação. Sacerdotes indignos mancham as aras. Não compete á actualidade, miseravel como é, glorificar as grandezas que refulgiram n'esta terra, outr'ora mãe de epopeias, e hoje palco de baixas comedias.

Não achaes propria a palavra?

Pois que é senão uma comedia ignobil toda a nossa vida nacional?

Não vistes acaso o que succedeu ha tres dias?

Celebrou-se o juramento da carta constitucional...

Pura comedia!...

Mas quem nos dera alcançar ainda o seu desenlace!... Haviamos de sentir um extranho jubilo em ver os principaes actores cahirem miseravelmente no asco da geração forte que, d'esta podridão, como da montureira a planta, ha de necessariamente brotar...

E d'ahi, quem sabe? Talvez que o fogo que o rastilho de polvora conduz esteja já bem perto da mina que ha de explodir...

Tambem a França dormiu...89, como o desencadear da tempestade, pode rebentar subitamente em Portugal...

Que fareis então, pobres dictadores?...

Os tumultos de Lisboa

Lisboa foi na terça-feira theatro de scenas pouco edificantes e que nada provam a favor da nossa civilização.

São do dominio publico os factos praticados pela populaça contra alguns ecclesiasticos e contra outras pessoas que pela ausencia de cabellos na cara se lhes assimilavam.

Não defendemos o jesuitismo, muito pelo contrario abominamos esta seita que invocando o doce nome de Jesus, que prégou humildade e caridade, trama nas trevas os actos mais revoltantes, levando bastas vezes a discordia ao seio das familias, procurando chamar a si os filhos de familias abastadas e com influencia, para, escudados com ellas e á sua sombra, conseguirem os seus nefandos fins.

Infelizmente muitas consentem em servir de instrumento á seita negra a quem a luz do progresso, da civilização e da liberdade é

espiritual e do material, um mysticismo ex-quesito e abrasador que faz contemplar as devotas a imagem dulcissima de Jesus atravez de um nimbo voluptuoso como deve ser o ambiente calido e perfumado do «boudoir» de uma odalisca.

E tivera uma familia que a apertava na regra de uma moralidade rigorosa, fallas mansas, janellas fechadas, cortinas corridas, factos modestos e praticas piedosas.

Mas para temperar os rigorismos asceticos da parentella e desenvolver os mysticismos exquisitos do padre confessor, tambem tivera condiscipulas alegres que lhe mostravam nescasinas do mundo em que ellas viviam e lhe emprestavam livros, lidos altas horas, a ocultas, no silencio enorme da noite, no remanso inviolavel do seu quarto de donzella.

Eu fui sabendo estas cousas por ella, prova de que as nossas relações se iam estreitando.

Um dia... não sei como foi aquillo, ambos liamos um livro qualquer; o capitulo era interessante; cada um de nós parecia querer devorar a pagina com os olhos; aproxima-

um grande obstaculo para a execução dos seus trabalhos de sapa.

Não julguem por isso que somos anti-ecclesiasticos, não; honramos-nos com a amizade de muitos ecclesiasticos dignos, mas abominamos a hypoerisia e detestamos tudo o que é falsidade e vilania.

O povo não se revoltava contra os padres em geral, o seu grito de guerra era abaixo o jesuitismo.

O clero digno está acima d'estas investidas. Todos sabem que quando a ira popular se chega a manifestar nas ruas difficil é refrear-a de momento e mais difficil se torna n'aquella occasião o poder fazer uma verdadeira selecção dos culpados e dos innocentes, pagando muitos d'estes pelas faltas d'aquelles.

Foi exactamente o que aconteceu na capital; o povo indignado com certas noticias de que a imprensa se fazia echo deu expansão á sua colera contra os jesuitas commettendo excessos e abusos muito condemnaveis.

Este facto não é mais do que uma consequencia das recentes tentativas do jesuitismo, acalentado pelo bafo real e escandalosamente protegido pelo governo; em querer intrometter-se e ter ingerencia em todos os assumptos ainda os mais profanos.

A reacção lançou ainda ha pouco o seu repto e o povo respondeu-lhe agora praticando excessos, bem demonstrativos de que não está resolvido a ver calcadas as leis de Pombal e de Aguiar.

Escusam de querer lançar a responsabilidade dos acontecimentos a outrem que não seja o governo, que consentiu que no congresso catholico se fizessem extraordinarias afirmações a ponto de se offender o chefe de uma nação, cuja casa reinante está aparentada e muito proximamente com o rei de Portugal.

E' ao governo e só ao governo que cabe a responsabilidade do acontecido pela escandalosa protecção concedida á reacção, ao jesuitismo, que tudo pretende avassalar.

Repetinos: nem por sombras defendemos os desmandos praticados em Lisboa, mas elles servirão de lição ao governo e a todos que pensem em retrogradar aos abominosos tempos da inquisição.

O povo é religioso, mas não hypocrita: o povo respeita o clero digno, mas repelle todos os que debaixo d'uma falsa capa de humildade e santidade só procuram ensejo para a satisfação dos seus nefandos fins; o povo não quer o jesuita, symbolo da falsidade.

Eis tudo.

Já regressou das Felgueiras a Beja o sr. dr. Antonio Guerreiro Falleiro, digno juiz de direito n'aquella comarca.

va-nos mais e mais; a minha testa sentiu o contacto dos cabellos d'ella; uma especie de suor frio me invadiu todo o corpo; desviei-me. Ella fitou-me com uma expressão indizivel; eu fitei-a tambem.

De repente passaram-me pelo espirito duas visões totalmente diversas e soberanamente imperiosas:—uma era a imagem suave e meiga da bella morena que me dava volta ao miolo; outra era o marido de Aura, brandindo a tranca da porta e pondo-me na rua com uma boa sova.

Pedi os meus livros e sahi.

Decorreram annos, muitos annos. Andei lá por fóra, pela provincia; embranqueceram-me os cabellos na lucta pela existencia, á força de decepções e desenganos; e ha pouco tempo, voltando a Lisboa e encontrando por acaso no Chiado, o meu amigo Thomaz de Lemos, disse-me elle, entre outras cousas:

—E' verdade, ceci hontem no Augusto com uma pessoa dos teus antigos conhecimentos.

Segundo noticias que tivemos o nosso querido amigo dr. Falleiro encontra-se bastante melhor dos seus soffrimentos o que sinceramente estimamos.

Na passagem do ministro da marinha pela estação d'esta villa deu-se um episodio digno de referencia.

Entre os individuos que o foram cumprimentar, apresentou-se um vereador com a corveta *Palmela* na cabeça, alludindo assim á vinda da mesma corveta para as aguas do Algarve.

A allusão era boa, mas como o ministro da marinha não estava prevenido, ficou, ao descer da carruagem, bastante assustado; passada a primeira impressão o ministro esboçou um sorriso e mandou entrar para a tal *corveta* algumas pessoas, que seguiram n'aquelle novo meio de transporte até Faro para gosar as festas ali preparadas em sua honra.

Alguem estranhou tambem que comparecendo o *nosso* apumado vice-presidente não fosse elle agarrado ao estandarte, porque este faz já uma parte integrante da sua pessoa e, assim, sem elle, não estava completo.

Porque seria?

Não lhe emprestariam mais uma vez o pau para figurar em publico?

Não sabemos, mas a auzencia do estandarte e do pau foi notada por todos os assistentes, que, com magua, commentavam similhante falta.

Ouvimos mesmo dizer que o ministro da marinha estranhara o facto e não tinha gostado muito que o vice-presidente commettesse a omissão de se apresentar incompleto, isto é, sem o estandarte.

Ora Deus lhe valha, vice-presidente! Que esquecimento foi esse?!

Já tomou posse da egreja d'Albufeira, como parcho encommendado, o nosso particular amigo rev. padre Alexandre João do Nascimento.

E' caso para felicitar os albufeirenses, porque têm entre si um exemplar sacerdote e um amigo sincero e dedicado.

Muitos cavalheiros d'aquella villa, acompanhados da philharmonica e de grande concurso de povo, foram cumprimentar o seu novo parcho.

Despedida

Por me não ser possivel despedir-me de todos os meus amigos e patricios na minha sabida de Alnancil, a todos aqui agradeço as provas de dedicação, que me deram, e offereço a minha casa em Albufeira.

Albufeira, 29 de julho de 1895.

ALEXANDRE JOÃO DO NASCIMENTO.

—Eu não tenho nos meus conhecimentos pessoas que possam cear contigo no Augusto, respondi com certo apurmo de moralista.

—Oh! se tens!... Dize-me: —lembras-te da Aura?...

—Da Aura!...

—Sim, e então?...

Pasmei.

—Mas o marido, a mercearia, aquillo tudo?!

—Tudo isso acabou. Aura é uma mulher gentilissima que não rescende a manteiga nem a bacalhau. E olha, fallámos de ti.

—E que te disse?...

—Apenas isto: — que eras uma creança tola e que te ganhára tal aversão que ainda hoje não poderia ver-te com bons olhos.

Tudo isto era verdade; verifiquei-o mais tarde.

Aura continua accetitando ceias no Augusto, até que a idade venha surprebendel-a... ou que lhe dê um ataque de variola.

JULGAMENTO DO REU

Manoel Valente d'Almeida Miranda

Depois de dois adiamentos, começou ante-hontem, no tribunal judicial d'esta villa, o julgamento do reu Manoel Valente, accusado do crime de homicidio voluntario frustrado, na pessoa de José Romeiras, crime de que já nos occupamos n'este jornal, mostrando a escandalosa protecção que foi dispensada ao reu antes e depois de perpetrado o crime, d'antemão premeditado.

O jury foi constituído da seguinte forma: Christovão de Souza, Manoel Francisco Bandeirinha, Sebastião Martins Pares Gomes, Francisco d'Assis Rebello, Eduardo de Freitas Azevedo, Sebastião Teixeira, Francisco Candido de Souza Barros, Silva, Salvador Lopes Marreiros e Jacintho Apollonia.

A audiência de sexta-feira foi toda tomada pelo depoimento de parte das testemunhas de accusação que unanimes e contestes foram em declarar que o reu foi o provocador e que desfechou á queima roupa o tiro quando o queixoso se levantava de apanhar um pau lançado ao chão pelo provocador.

A audiência foi suspensa das 4 para as 5 horas da tarde para continuar hontem pelo interrogatorio do resto das testemunhas de accusação que sustentaram o depoimento feito nos autos, d'onde se conclue que o crime foi praticado voluntariamente, precedendo provocação e premeditação, não havendo o modo invencível e insuperavel que a de fesa allegou.

O presidente do tribunal dr. José dos Santos Duarte Pimenta procedendo á acareação entre algumas testemunhas de accusação e a de defesa Joaquina Roza d'Oliveira fez notar que esta ultima estava absolutamente fóra da verdade e mesmo pelas suas flagrantes contradicções bem demonstrou que estava mal ensaiada, não tendo capacidade para bem representar o papel que lhe tinha sido distribuido.

Interrogado o reu declarou ter commettido o crime levado pelo medo que tinha do agredido e por o ter visto levar a mão á algibeira, o que apenas é confirmado por uma unica testemunha de defesa e acareado com o queixoso, este confirmou o depoimento unanime das testemunhas de accusação.

Dada a palavra ao agente ao Ministerio Publico, este, naturalmente confiando pouco nos recursos do advogado de defesa, começou uma pseudo accusação, fazendo sobretudo notar a gravidade da pena que correspondia áquelle crime, e que era triste, muito triste que um homem, na quadra mais vigorosa da vida, fosse condemnado ás solidões, d'um carcere. Passando a fallar propriamente da questão, disse que não tomara apontamentos dos depoimentos das testemunhas (não sabemos porquê); entretanto, pelo que lhe ficara de memoria, notava que não havia conformidade entre as affirmações das testemunhas de accusação e as de defeza. Realmente foi uma grande descoberta! Disse tambem que o crime fóra praticado voluntariamente, o que aliás o reu confessou, sem comido produzir um unico argumento contra o allegado pela defeza de que o reu fóra levado a desfechar o revolver, pelo medo insuperavel.

Como se vê, uma accusação patusa. Dada a palavra ao advogado de defeza, bacharel Joaquim da Ponte, começou por declarar que eram passados dois annos depois que concluiu a sua formatura e só agora fazia a sua estreia, porque só agora se lhe depurara a defeza d'um innocente!!! Que a accusação lá cahir por terra, no que lhe achamos muito chiste, visto como esta se poderia chamar antes defeza. E' o inconveniente de trazer o discurso estudado.

Faz-nos lembrar o caso do *Algararra*, que por ser muito conhecido o não reproduzimos aqui.

Realmente o exordio foi bem decorado, a avaliar pela rapidez com que foi pronunciado, mas, terminado elle, e entrando propriamente no assumpto, tivemos ensejo de apreciar o alcance do nosso administrador. Phrases soltas, muito populares, descambiando um pouco para a *chulice*, sem grammatica, foi o que ouvimos. Argumentos, nenhum outro que não fosse o de accusar o queixoso de homem terrível e perigoso, chegando a ser chamado pelo presidente á ordem.

Terminou dizendo que era praxe no nosso país e lá fóra, (o illustre patrono é muito entendido e versado em questões de foro nacional e estrangeiro) absolver sempre o reu com

quem qualquer advogado se estreia. E' uma theoria um pouco exdruxula.

Quando alguma commetter um crime grave procure um advogado que ainda se não tenha estreado, que está solto e livre!

Uma estreia *brilhante*.
Deve continuar, que dá esperanças.

Terminado o intervallo d'algumas horas para descanso, continuou a audiencia pelo relatorio feito pelo meritissimo juiz que, com toda a clareza e lucidez, expoz a questão em ordem a deixar o jury sufficientemente orientado.

Propostos os quesitos, formulados com toda a rectidão, recolheu o jury com o fim de deliberar, voltando passado tempo á sala das sessões e dando como não provado, por maioria, o crime.

A maioria do jury encontrou no processo defeza que advogados distinctissimos d'esta provincia não acharam.

Em vista d'esta decisão o meritissimo juiz deu o jury por inique, addiando o novo julgamento para o dia 7 do corrente.

Honra ao nobre magistrado que assim soube cumprir dignamente a sua missão dando á sociedade offendida um exemplo vivo e edificante de justiça e integridade de caracter em meio da lama em que tantos rastejam.

Ha muito tempo que se dizia que o reu seria absolvido e até houve quem empregasse a sua palavra de honra sobre tal resultado, tal era a confiança que havia na venalidade da consciencia do jury.

Felizmente o lodo não attingiu a todos que o co.stituíram, porque ainda houve alguns que deram o devido peso ás provas esmagadoras que se produziram no tribunal, não manchando assim a sua honradez e imparcialidade.

Baldados foram pois d'esta vez os *preparativos*.

Repetimos os nossos louvores ao nobre magistrado que não só varreu a sua testada, como manteve a independencia e justiça que sempre deve existir nos tribunales judiciaes.

Largas seriam ainda as considerações que teriamos a expender, tendentes a mostrar os graves inconvenientes que resultam da escandalosa protecção aos criminosos seja qual fór a camada social a que pertencam, mas a falta de espaço não permite que nos alonguemos, cumprindo-nos todavia affirmar que as nossas palavras não são inspiradas por qualquer mau sentimento que o reu nos haja despertado, mas sim porque nos revoltam o animo todas as iniquidades.

O governo de Italia enviou uma reclamação ao governo portuguez por causa de certas phrases proferidas no celebre congresso catholico ultimamente realiado em Lisboa por occasião do centenário antonino que *tão gatas* recordações esta deixando a todos.

O ministro dos estrangeiros que antecipadamente soube de tal reclamação apressou-se em participar ao governo italiano que o ministerio não era solidario com as idéas ali expendidas.

Esta resposta tem realmente muita graça e define bem o caracter do ministerio portuguez. Este não só auxiliou em tudo a reacção como tambem sancionou com a sua presença o mesmo congresso não tendo impedido que se chegasse ao ponto de abrir um conflicto com a Italia, assistindo, sem protestar, ás sessões em que se atacava o rei d'aquella nação.

Obedecendo talvez a instrucções superiores cruzou os braços e até applaudiu os acontecimentos, mas agora então recua em presença da reclamação e apresenta-se ao governo italiano como um modelo de innocencia!

Para traz tartufos que estaes comprometendo os interesses de Portugal, paiz digno de melhor sorte e de melhor governo!

Vindos de Lisboa chegaram, no comboio da madrugada d'hoje, a esta villa, para passar as férias grandes com suas familias os estudantes srs. Antonio Rodrigues Corrêa e Casimiro de Barros.

Na passada semana esteve em Loulé, retirando-se na quinta-feira, o sr. Manoel J. Gonçalves Botica, socio da bem conceituada firma commercial de Lisboa J. Ramos & Comt.ª.

Depois de martyrisada por um longo periodo de atroz soffrimento, sepultou-se na segunda-feira, a esposa do sr. Manoel Ignacio da Ponte, honrado e laborioso artista de Loulé. Ao inconsolavel viuvo, como a toda a fa-

milia d'este e da finada, enviamos os nossos sentidos pesames.

Acompanhados de suas ex.^{mas} familias, chegaram a esta villa no domingo passado, de regresso das Caldas de Monchique, os nossos apreciabilissimos amigos srs. Manoel Rodrigues Corrêa, conceituado commerciante d'esta praça e dr. Manoel Mexia de Mattos, director do nosso semanario.

Que chegassem de saude e que colham os melhores resultados do uso d'aquellas benéficas aguas, são os nossos mais sinceros desejos.

Verificou-se na sexta-feira o exercicio como ultima prova para o posto de major, do nosso amigo sr. Arsenio da Silva Moreira, capitão d'infanteria em serviço na guarda fiscal.

A fim de fazerem uso dos banhos salinos, chegaram á praia do Carvoeiro os srs. Thomaz Cabreira e Antonio Cabreira.

Chegadas e partidas

Chegou a esta villa na sexta-feira o nosso particular amigo, sr. Joaquim Henriques, socio da casa Santos Beirão & C.ª, de Lisboa.

Para sotavento da provincia partiu na quarta-feira ultima o sr. Manoel Ferreira Marques, muito digno empregado dos srs. Palma & Guimarães, de Lisboa.

Estadas

Esteve em Loulé na quinta-feira o sr. Anibal Marreiros M. Netto, do Algoz.

No mesmo dia vimos n'esta villa, o sr. Joaquim Ferreira dos Santos, empregado do sr. Candido José Nogueira, de Lisboa.

Acha-se entre nós o sr. Jacintho Antonio Guerreira, empregado dos srs. Abreu & Loureiro, da capital.

Vimos em Loulé na sexta-feira o nosso assignante de Boliqume, sr. Jacintho Guerreiro Apollonia.

No mesmo dia esteve aqui o nosso amigo, sr. Francisco de Paula da Silva Aguas, proprietario, de Albufeira.

Nada dizemos sobre as festas com que Faro recebeu o sr. ministro da marinha José Bento Ferreira de Almeida, porque d'ella se occupa uma correspondencia que d'aquella cidade recebemos.

AMO-TE!

Izabel! Amo-te! Adoro-te!
A' luz do teu sorriso
Reluz-me um paraizo,
Reluz-me um ceu de amor!
Lá n'esse teu olhar
A estrella do meu ser;
Depende o meu viver
Da tua vida, flor!

Amo-te como a planta
Ao sol, que lhe dá a vida;
Como a luz amortecida
A' mão que a alimentou.
Amo-te como a onda
A' praia preguiçosa.
Amo-te como a rosa
Ao rocio que a beijou.

Tu foste, no deserto
Da minha triste vida,
A fonte appetecida
Que a sede me matou.
Tu foste, n'este mar
fradq da procella,
A luminosa estrella,
Que a morte me apontou.

Izabel! Amo-te! Adoro-te!
A' luz do teu sorriso
Reluz-me um paraizo,
Reluz-me um ceu de amor!

A. S. B.

FARO

A ordem do dia é, e naturalmente será ainda durante algum tempo, a festa feita em honra do actual ministro da marinha e os acontecimentos que se lhe succederam.

Faro lavou-se, vestiu-se, preparou-se em fim para receber no seu seio o ministro da marinha por ter mandado para esta provincia a corveta *Duque de Palmela* para escola pratica dos alumnos de marinheiros.

Tudo estava preparado e a postos para a

grande recepção; a'ê aqui nada digno de especial menção. Parte do que aconteceu já os leitores sabem pelos telegrammas expedidos para o orgão ministerial—*O Seculo*—e digo parte, porque effectivamente aquelle diario official foi omisso em alguns pontos, e é especialmente sobre esses que vou dizer alguma coisa.

O sr. ministro da marinha, que ao subir ao poder ia deitando moralidade por todos os poros, e que mais tarde obriga a pedir a reforma a alguns officiaes superiores da armada, que fez contractos especiaes de madeiras desnecessarias, para protecção a alguns galopineiros, contractos e factos de que a imprensa da capital se tem occupado e que a opinião publica taxa de escandalos. (Mas bem se importa o governo com a opinião publica e com os escandalos que pratica, desde que se assenta nas cadeiras ministeriaes).

O sr. ministro da marinha, que entra no ministerio com enormes rompanles, mandando arrancar os tapetes, não ponde vir a Faro senão em comboio expresso, porque a ordem é rica e os frades são poucos; assim o affirmo o collega da fazenda, matando o *definit* e apresentando um saldo!!!

Mas vamos ás festas.
Tudo estava a postos: o elemento official, que não podia deixar de comparecer, alguns particulares e muito povo, que apparece em toda a parte, principalmente nos festejos que pode ver sem ter de puchar os cordões á bolsa.

Ouve-se o silvo da locomotiva, movimento de curiosidade na *gare*, chega s. ex.^ª, seu ajudante e o secretario, seguem-se os cumprimentos officiaes do estylo, acompanhados por musica. Apparece um homem a botar discurso, podendo resumir-se a substancia d'elle em que—*era um redactor do Seculo*—phrase repetida innumeradas vezes.

Parecia-me que estava na *Trindade* a ouvir *O sal e pimenta*.

—*Eu sou o Bacellar!*

Mas de repente todos se miram com curiosidade, como que procurando uma cousa que falta.

—Mas o ministro onde está? perguntam todos.
Tinha desaparecido com o seu ajudante e secretario e o presidente da camara, e em carruagem se tinham dirigido para casa d'este ultimo.

Desapontamento geral, e lá debandam todos para suas casas *pedibus calcantis*.

Uns diziam que aquella desapareção tinha sido motivada pela imperiosa necessidade do estomago do sr. ministro da marinha.

Não profundei tal mysterio, mesmo porque a um simples mortal e espectador como eu, não é licito metter o bedelho em tão altas regiões, tão altas e tão pindaricas.

Mais tarde uma commissão dirigiu-se ao sr. ministro da marinha pedindo-lhe para que a corveta, que estava bastante distanciada, viesse para mais perto da cidade.

S. ex.^ª o ministro não gostou da impertinencia do pedido, porque um ministro não é obrigado a estar sempre de bom humor, e creio que á bocca lhe accudiu a phrase de Cambione, mas conteve-se e respondeu que não o apoquentassem, senão que mandava a corveta para Villa Real.

Segundo desapontamento.
A commissão retirou de orelha murcha e soprando de tal modo que uma grande parte da illuminação apagou-se e os espectadores ficaram a ver... navios na praça de D. Francisco Gomes.

No programma figurava o baile, mas todos estavam já muito fartos de *dança*, e resvoldos a não dar á perna nas walsas, nem na quadrilha com dedicatória.

Em vista da ameaça de tão tremendo fiasco, andou o presidente da camara de porta em porta implorando a assistencia ao baile, com o que conseguiu reunir algumas familias.

Espectaculo de *gala*, passeio fluvial, com successo similhante, (apesar do grande calor parecia estar-se em janeiro) e como final retirada á pressa para Lisboa, já então no comboio ordinario.

Era tambem do programma uma visita ás Caldas de Monchique, mas a pressa que o sr. ministro da marinha tinha em safar-se, não lhe deu tempo ao cumprimento d'esta parte, apesar de saber pelo *Monchiquense* que n'aquella villa estava arrombada no lastro a corveta *Bartholomeu Dias* e duas bombas trabalhando noite e dia para a esgotarem.

Dizem que o sr. ministro da marinha ia satisfeito de festas e cheio de corveta desde as unhas dos pés até á ponta dos cabellos,

X. Q. Tito,

Calendario da semana



AGOSTO 31 DIAS

- 4. Domingo—S. Tertuliano, B. M.
- 5. Segunda—Nossa Senhora das Neves.
- 6. Terça—Transfiguração de Christo.
- 7. Quarta—S. Alberto e S. Caetano.
- 8. Quinta—S. Cyriaco.
- 9. Sexta—S. Romão, M. S. Veriano, M.
- 10. Sabbado—S. Lourenço, M., Patrono dos navegantes.

Morreu afogado em Villa Nova de Portimão, no tanque d'uma horta pertencente ao sr. José Joaquim Serpa, um rapaz de 17 annos de idade, natural do Algoz.

Dias antes tambem ali perecera afogada no rio uma creança de 10 annos, cujo cadaver foi mais tarde encontrado a uma milha de distancia do local onde se deu o desastre.

Aos passageiros do caminho de ferro do Algarve, que tenham de desembarcar em Messines, recommendamos o novo hotel que se achá instalado proximo d'aquella estação, de que é proprietario o sr. Antonio Pedro da Fonseca, cujo annuncio publicamos na secção competente, tanto pelo seu extremo asseo como pela affabilidade dos proprietarios.

A vegetação dos Andes

Um furacão, uma rajada de vento, arrancam facilmente esta immensa massa, que parece desafiar a todas as convenções, e até a duração dos seculos! Com sua ruina destroem e envolvem quanto existe nas suas proximidades. Homens, irracionaes, plantas, tudo fica opprimido sob sua extraordinaria grandeza. O silencio augusto e magestoso, que reina n'estas soledades, por essa noite fóra, se interrompe com o ruido espantoso que sua queda produz. Não é o dente ou as garras do tigre, nem o mesmo da serpente, o que mais se teme e receia no fundo d'estas selvas.

Os ventos e as tempestades, põem palido e aterrorizado o viajante, perturbando-lhe incessantemente o seu repouso. Quantas vezes uma aura ligeira, seguida d'um simples ruido, perturbou meu descanso! A cada passo, encontramos espaços de cem ou de duzentos metros, encontramos, cobertos de lenharia e paliçada, proveniente da ruina de uma arvore que os ventos prostram, afinal.

Na parte alta da cordilheira, são as arvores uns verdadeiros pigmeus, comparadas com as da baixa. Estas sobem a 45, 55 a 75 metros, frequentemente: aquellas não se elevam senão de 10, 15 a 20 metros, quando muito. As raizes são profundas e resistentes, por isso á impetuosidade dos ventos que reinam quasi sempre n'estes logares elevados. Os troncos são curtos e tortuosos, cobertos totalmente de musgos. As plantas voiveis são infinitamente em menor quantidade. Aqui abundam os «pothos» e as «lililancias» e os demais parasitas. Emfim, se perdem em magestade, as elevadissimas selvas dos Andes, adquirindo, em recompensa contrastada, bellezas, e não sei que de tocante e surpreendente.

(Conclue no proximo numero).

Aos forasteiros que visitarem Lisboa e quizerem passar com mais economia, recommendamos a casa de pernoitar dos srs. José Marcellino & Comp.^a, na Rua da Padaria, 38, 1.^o

Sr. redactor:—Para esclarecimento de alguém que ainda se conserve em duvida sobre o meu estado financeiro, rogo a v. me conceda um pequeno espaço do nosso Louletano para desfazer uns boatos que por ahí circulam e que me são menos favoraveis.

Cumpra-me portanto fazer publico que hoje só devo a alguns individuos muitas obrigações por diversos favores que se não pagam com o dinheiro, mas sim com o sincero tributo da minha eterna gratidão, sentimento do homem digno, que me preso de o ser.

Com respeito ao meu trafego de logista não devo já cinco réis, a não ser que, por esquecimento tenha algum credor de pequena monta, o qual me obsequiará requerendo a sua divida no prazo de oito dias. Pelo mesmo julgo, como acima fica dito, não dever mais que obrigações.

Creio ficarão por esta forma desfeitos os

taes boatos e satisfeitos os meus detractores, os quaes só a inveja os move.

Por tudo se confessa muito grato, sr. redactor, o

Seu assignante muito obg.^o,
MANUEL ANTONIO PEREIRA & FILHO,
Salir, 2 de agosto de 1895.

Agradecimento

Joaquim Baptista Ramos e sua mulher Thereza de Jesus Ramos, Antonio Guerreiro Olival e sua mulher Maria do Pilar Ramos, João da Piedade e suas filhas, agradecem pe-nhoradissimos a todas as pessoas de suas relações e amizade a honra que lhes fizeram de acompanhar á sua ultima morada seu querido irmão, cunhado e tio José Ventura dos Ramos, protestando por este modo o seu muito reconhecimento.

Loulé, 1 de agosto de 1895.

Publicações

A LEITURA n.º 38 enjo summario é:
Edouard Rod — «A vida privada de Miguel Teissler».

Ivan Tourgueneff — «Os cantores russos».
Conde L. Tolstoi — «Amo e creado» (II).
José de Souza Monteiro — «Dormiu por fim»
Georges Ohnet — «A condessa Sarah» (XIV)
Edouard Rod — «Os doze mezes do anno».
Frédéric Masson — «Napoleão e as mulhe-res» (XII. fim).

Mark Twain — «O perigo de estar na cama».

Theophilo Braga — «O sacco de nozes».

—Supplemento litterario n.º 27 do *Diario do Alentejo*: O progresso agricola, por L. B.; O sol de inverno, por Pamplona Côte-Real. O oraculo do marquez de Pombal, por Camillo Castello Branco; Cofres intimos, por Julio de Carvalho; A bella sociedade, continuação, Anastacio da Cunha; Cançonetes anacronicas — Filis e amor, por Bocage; Livros e folhetins; Uma andaluza, por Gonçalves Crespo, etc.

—O n.º 13 da 3.^a série do *Gabinete dos Reporters* traz o retrato de Abel Accacio Botelho e artigo de J. J. Marques Guimarães, poesias, etc.

—Temos á vista o n.º 14 do *Amphion* com o retrato do conhecido rabequista Moreira de Sá, acompanhado d'um artigo assignado por Falstaff, contém além d'isso a Chronica quinzenal, Bellas-artes, theatro, noticiario, etc.

—Recebemos tambem os n.ºs 3 e 4 da 3.^a série do *Boletim da Real Associação dos Archilectos Civis e Archeologos Portuguezes*.

—Tambem temos presente os n.ºs 3 e 4, relativos a março e abril, do *Boletim da Camara do Commercio e Industria de Lisboa*, contendo as secções do costume.

—*Cancioneiro de musicas populares*. Está concluido o 1.^o volume d'esta tão interessante como valiosa publicação, recebida com o mais justificado alvoroço, provando que os coordenadores eram competentes para levar a cabo a ardua tarefa que emprehenderam. Com mais de 300 paginas, inserindo 155 composições musicas e uma consideravel variedade de poesias e indicações de danças, o 1.^o volume do «Cancioneiro de musicas populares» constitue já um opulento archivo musical, poetico e choreographico, que terá de manusear quem quizer apreciar a fecundidade do estro do povo portuguez. Está ali a musica nacional, na sua simplicidade e primitiva origem.

Faltava-nos uma publicação d'este genero, como outros paizes possuem. A lacuna está, pois, preenchida, em parte. Dizemos em parte, porque o 2.^o tomo, que começou agora a sair a lume, terá de recolher ainda muitas d'essas joias dispersas pelas provincias. O fasciculo que temos presente assim o promette.

Prefaciado pela auctorizada penna do illustre escriptor lisbonense dr. Souza Viterbo, e roupendo com um bello estudo sobre o character da musica popular portugueza pelo professor Cesar das Neves, o 1.^o fasciculo do 2.^o volume é interessantissimo em todas as suas 28 paginas. Eis o summario:

«Apreciação critica.» pelo dr. Souza Viterbo. — «Estrophe» por Simões Dias. — Preludio, por Cesar Neves. — «Batalha de Al-cacer-Quibir» historica, offerecida a S. M. a Rainha D. Maria Amelia. — «Luizinha, agora» cantiga das ruas, offerecida á sr.^a Gui-lhermina da Silva Graça. — «Onde leva a moça?» choreographica, offerecida á sr.^a D. Ly-dia Gomes da Silva.

Reclame

Sahir o n.º 2 d'este util almanach mensal correspondente ao mez de agosto. Esta publicação é a unica n'esta genero em Lisboa e é dedicada em especial ao commercio e á industria.

O presente numero traz o retrato e biographia do fallecido estadista Antonio Augusto de Aguiar, um artigo com o titulo—*A Industria Nacional*—poesias, anedoctas, conselhos, receitas, maximas, pensamentos, agricultura, jardinagem, mercados, feiras, um mappa desenvolvido da hora das marés, nascimentos do sol e da lua, calendario, festas religiosas que devem celebrar-se em agosto, algumas leis, etc.

Consta de 8 paginas com uma capa em papel de cor, na qual se vêem annuncios das principaes fabricas e casas commerciaes. É distribuido gratis aos srs. annunciantes. Por assignatura 250 réis annuaes, tendo o assignante direito a dois brindes que serão distribuidos semestralmente; numero avulso 10 réis.

O primeiro brinde constará d'uma magnifica estampa allasiva aos festejos antoninos. Agradecemos a visita e desejamos que o seu proprietario, o sr. Brito Nogueira, veja coroado do melhor exito todos os seus esforços. Recommendamos esta publicação a todas as pessoas e em especial ao commercio e industria.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a rua de Alcantara, 62-B—Lisboa.

Exportação de cortiça

No dia 24 de julho, para Hamburgo, F. Antonio Santos, 360 fardos. Para Bremen, no Pallas: Spilhaus & C.^a, 1 pacote de bengallas de cortiça. V. Garrelon, 145 fardos. Para Londres, no Lisbon: Thomaz Bayley, 5 fardos e 14 saccas de rolhas. Para New-York, no Clyde: O. Herold & C.^a, 57 fardos. Para Leith, no Ossian: The Cork Company Limited, 47 saccas de rolhas e 60 saccas de quadrados. Para Bremen, no Pollas: Victor Garrelon, 90 fardos e 10 saccas de rolhas. Para Hamburgo, no Cintra: A. Soares, 110.

No dia 26, para Anvers, no Saint: The Cork Company Limited, 810 fardos. Para Liverpool, no Athenian: The Cork Company Limited, 120. Para Londres, no Lisbon: The Cork Company Limited, 54 saccos de rolhas e 145 fardos de cortiça. Para Antuerpia, no Portugal: E. George, 54 saccas de rolhas. Para Bremen, no Pallas: A. Silva, 395 fardos. A. Soares, 295. H. Bucknall & Sons, 310. Para Southampton, no Clyde: Gudewi & Bucknall, 50. Para Londres, no Lisbon, H. Bucknall & Sons, 715.

No dia 27, para Bremen, no Ajax: The Cork Company Limited, 225 fardos. A Santos, 225. H. Bucknall & Sons, 50. Lane & Santos, 350. Para New-York, no Peninsular: H. Bucknall & Sons, 1:150.

No dia 29, para Hamburgo, no Portugal: The Cork Company Limited, 290. V. Garrelon, 10. Para Anvers, no Saint Jacques: Villarinho & Sobrinho, 166. A. Gomes, 274. Para Genova, no Mercurius, Lane & Santos, 12. Para Liverpool, no Minho, S. Street & C.^a, 230. Para Londres, V. Garrelon, 50.

No dia 30, para Hamburgo, no Amazonas: H. Bucknall & Sons, 140 fardos em prancha. A. Soares, 225. Para Barcelona, no Gravina: J. Ramos, 43. Para Palamos, no mesmo: H. Bucknall & Sons, 1:000.

Decretos de 22 de maio de 1895

Nova tabella de emolumentos e salarios judiciaes, e modificação do decreto de 15 de setembro de 1892, na parte que se refere a processos criminaes.

Com todas as emendas feitas depois da publicação na folha official. Um elegante volume de 120 paginas, em brochura 100 rs.; cartonado, 180 réis.

Grandes descontos para revender. Livraria de F. Silva, rua do Telhal, 8 a 12.

Estabelecimento thermal das Caldas de Monchique

A nova administração participa aos frequentadores que já introduziu importantes melhoramentos não só no parque mas nos quartos e applicações hydrotherapicas conservando ou melhorando os antigos preços para aquelles que não exigirem augmento de comodidades.

Quem pretender dirigir-se ás Caldas de

Monchique deverá endereçar a correspondencia para o director — João Bentes Castel-Branco.

ANNUNCIOS

VASILHAME

Quem pretender comprar, uma ou mais pipas, em bom estado, e por preço muito barato, dirija-se a Manuel de Souza Viegas, na rua do Sol.—Loulé.

HESPANHA-CASTILLEJOS

Francisco Ximenez, residente em Lagos, vende as suas propriedades que possue em Castillejos, que são as seguintes: Uma casa na rua Lepe. Um cercado em Agua Verano. Um campo com algumas figueiras em Tariquejo.

Quem pretender comprar pôde dirigir carta ao mesmo Ximenez.

ATENÇÃO

MESSINES—ALGARVE

Está aberto o hotel da estação de Messines, com todas as commodidades e asseo.

É seu proprietario e director o sr. Antonio Pedro da Fonseca, que se não tem poupado a despezas para proporcionar a todos os seus frequentadores o melhor bem estar possivel.

CANDIDO GUERREIRO

Solicitador forense

LOULÉ

Encarrega-se de quaesquer negocios judiciaes n'esta comarca.

Tambem lecciona mathematica e physica, cursos completos ou suas partes.

DEPOSITO LE PHOSPHOROS

AMORPHOS, CERA E ENXOFRE

Especialidade em sabão de todas as qualidades, por preços sem competencia!

Remettem-se amostras a quem as requisitar.

Pedidos a

Candido José Nogueira

Calçadinha de S. Miguel, 14 e 16

LISBOA

MADEIRA

Manoel Rodrigues Corrêa

Previne os srs. proprietarios, constructores e mestres d'obras, que recebeu, directamente da Suecia, um carregamento completo de madeira de casquinha de 1.^a qualidade, que vende por preços excepçionaes.

Grande abatimento para compras por grosso.

Aproveitem a occasião.

DINHEIRO A JURO

Dão-se 2:000\$000 réis a juro razoavel e com hypotheca.

Para informações dirijam-se a esta redacção.

ARMAZEM DE FERRAGENS

QUINQUILHERIAS

de Valenim, Machado & C.^a

6—RUA DOS DOUBADORES—6

(sobre loja)

LISBOA

FARO

CONSULTORIO DENTARIO DE

J. NUNES MADEIRA

Rua Direita, n.º 42

Chegou de Lisboa e installou definitivamente um consultorio Dentario em Faro, onde se *extraem dentes e raizes sem dôr*, mesmo ainda os dentes abandonados por outros dentistas.

Coloca dentes e dentaduras artificiaes, para mastigar e fazer todos os exercicios como se fossem naturaes, sem molas nem ganchos.

Empasta os dentes cariados—Limpa a pedra e branqueia os dentes.

Tratamento especial dos dentes cariados, sem os extrahir.

Concerta as dentaduras quebradas e contrue paladares artificiaes e obturadores. Vende elixir dentario e pós dentifricos (frasco e caixa de pós 700 réis).

Gengivaria Imperial para evitar a caria dos dentes, apertar as gengivas e tirar o mau cheiro da bocca, 1\$000 réis.

Prompto allivio de Lubeck, para calmar as dôres de dentes, 1 frasco 300 rs. Remette-se pelo correio.

Extrações gratis aos pobres, das oito ás nove horas da manhã.

PREVENÇÃO

Este dentista vae a qualquer cidade ou villa do Algarve executar qualquer trabalho, quando seja chamado para esse fim por duas ou tres pessoas que careçam dos seus serviços.

TYPOGRAPHIA DO LOULETANO

Esta typographia, que acaba de se installar nesta villa, esta montada em condições de satisfazer a todas as encomendas tais como: procurações, ordens e mandados de pagamento, attestados, autorções, recibos, quitações de foros, participações de casamento, envelopes e papel timbrados, e todos os impressos para repartições publicas, etc.

CARTÕES DE VISITA EM BRANCO
100—400 réis, 50—240, 25—160

CARTÃO DE LETO

N.º 1—100—500 réis, 50—300, 25—200
N.º 2—100—600 réis, 50—350, 25—250
N.º 3—100—700 réis, 50—400, 25—300
N.º 4—100—800 réis, 50—450, 25—350

Garante-se o bom cartão, a promptidão nitidez, por isso que esta officina tem boas machinas e typo novo.

COMPANHIA DE SEGUROS TAGUS

FUNDADA EM 1877

SOCIEDADE ANONYMA de responsabilidade limitada

CAPITAL 1.200.000\$000 RÉIS

Sede em Lisboa, rua da Alfandega, 160—1.º

Efectua

SEGUROS TERRESTRES

contra fogo casual ou procedido de raio e explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos, em todo o reino, e

SEGUROS MARITIMOS

contra avaria grossa e particular.

O agente em Loulé,
Manoel Rodrigues Corrêa.

IMPRESSOS

Acham-se á venda n'esta typographia impressos para Mappas estalisticos do movimento parochial mensal, a 100 réis cada caderno.

HOTEL MARQUES

POR CIMA DA ARCADE DA PRAÇA,
LOULE

Permanece aberto e optima-mente servido este antigo e acreditadissimo estabelecimento, onde todos os seus freguezes continuarão a encontrar, a par do extremo acio dos quartos, um magnifico serviço de mesa e a maxima modicidade de preços.

HALL'S LINE



Linha de vapores inglezes dos srs. John Hall Jun & C.º, de Londres.

Carreira semanal para Londres, tocando no porto de Faro todas as sextas-feiras, pela quantidade minima de duas barcas de carga.

Dirigir-se ao agente em Faro,
João P. d'Almeida.

AOS FUMADORES

PAPEL DEL CABALLO DE ORO

O papel **Del Cavallo de Oro**, além de ser muito fino e de grande solidez, é superior a todos os conhecidos até hoje. Na sua fabricação não entra o chloro nem quaesquer outros acidos nocivos á saude, tendo por isso tanta suavidade que o torna sumamente recommendavel.

O papel **Del Cavallo de Oro**, reune pois todas as boas qualidades que os fumadores possam desejar; é fino, forte, de combustão lenta e suave ao paladar.

Usai pois o papel—DEL CABALLO DE ORO.

UNICO DEPOSITO EM PORTUGAL

Manoel Rodrigues Corrêa
LOULÉ

HOTEL DAS NAÇÕES

LARGO DA MAGDALENA, 85, 1.º e 2.º ANDAR
LISBOA

N'este hotel, um dos bem acreditados da capital, encontram os srs. viajantes, pelo preço de 1\$000 réis por dia, um bom tratamento e quartos com o maior asseio.

O PROPRIETARIO,

Luiz Augusto Brandão

FRANCISCO SIMÕES COUTINHO

3—RUA DOS CAPELLISTAS—5

Folha de Flandres de todas as qualidades, chumbo em barra, zinco, estanho, folha de ferro ondulada para telhados, arco de ferro, sortimento completo de ferragens e quinquerias tudo por preços sem competencia.

Azeites finissimos de procedencia de Abrantes e Castello Branco, por atacado e a retalho

ESTABELECIMENTO DE MOBILIA

DE

BELLA & BARBOSA

PRAÇA—LOULÉ

Cadeiras de diferentes modelos, sophás e canapés correspondentes, mesas de cabeceira com uma e duas pedras, ditas para sala, escriptorio, jogo e centro, *etagères* com pedra para sala, commodas e meias commodas, lavatorios de mogno com pedra, espelho de christal e gavetas; ditos de ferro, completos, com valvula; leitos de mogno á ingleza para uma e duas pessoas; ditos de ferro; berços em diversos feitios, espelhos para sala e quarto em diferentes tamanhos, serviços de lavatorio em loiça e zinco; papeis pintados, toalheiras, cabides, candeeiros de suspensão e meza, relógios, espingardas, accessorios para as mesmas, oleados, *baquet* para moldura, oculos e lunetas de todos os graus.

Sortimento completo em ferragens, drogas, tintas, vidros e loiças.

Encarregam-se de quaesquer concertos dos artigos citados, e bem assim, de qualquer encomenda que diga respeito aos mesmos.

GRANDE DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA BEM CONHECIDA CASA

MEMORIA

DE

SANTOS BEIRÃO & C.ª

LISBOA



UNICOS vendedores da machina **Memoria**, que é, sem exagero, a melhor machina, mais perfeita e mais elegante de todas até hoje conhecidas.

Machinas para sapateiro, alfaiate e fazer meias, de varios systemas.

Vendas a prompto pagamento e a prestações. Ensino e concerto gratis. Encarrega-se de satisfazer qualque pedido de velocipedes e byceletes, para o que apresenta os respectivos catalogos.

Estabelecimento e armazem de fazendas de lã, linho, algodão e seda
LEITOS DE FERRO E LAVATORIOS

AGENCIA DA

COMPANHIA DOS TABACOS DE PORTUGAL

NOS CONCELHOS DE

LOULÉ E AIBUFEIRA

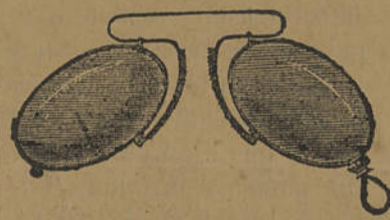
Vendas nas mesmas condições que a referida companhia. Depositos em Albufeira, Alte, Ameixial, Boliqueime, Paderne e Salir.

ARMAZEM DE VINHOS

Vinagre, azeite, aguardente, farinhas, cereaes, esparto, palma, petroleo, sabão, phosphoros e obra d'empreita.

MERCEARIAS E DROGAS

Ferragens, tintas, candeeiros, relógios, louças, vidros, perfumarias, quinquilherias, bijouterias, assucar em quadrados para chá ou café e outros artigos de novidade.
(Especialidade em chá, café e chocolate)



Grande e completo sortido em
OCULOS E LUNETAS
de todos os graus

ESTANCIA DE MADEIRAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS, Por preços modicos

LOULÉ—Manoel Rodrigues Corrêa.

EMPRESA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR PARA O ALGARVE E GUADIANA



GOMES VI

ESTE novo e excellente vapor, da carreira official entre Lisboa, Sines e portos do Algarve, sae de Lisboa impreterivelmente (salvo caso de força maior) nos dias 1 e 16 de cada mez, recebendo carga em Faro nos dias 5 e 20, para sair em 6 e 21.

GOMES IV

CARREIRA SUPPLEMENTAR

ESTE já conhecido vapor acaba de inaugurar a sua carreira entre os portos do Algarve, Lisboa e Porto, fazendo duas viagens quinzenaes.

Os srs. carregadores serão avisados com antecedencia dos dias em que recebe carga. São excellentes as accommodações de 1.ª e 2.ª camaras d'estes magnificos vapores, e o convez offerece aos passageiros de 3.ª classe comodidade relativa, abrigando-os dos rigores do tempo.

PREÇOS DAS PASSAGENS PARA LISBOA:—1.ª classe, 4\$000 réis; 2.ª classe, 3\$000 réis; 3.ª classe, 2\$000 réis

Agente em Faro—João Pereira d'Almeida.